

Entrevista:

Monie: Mas é uma conversa normal nem liga para o gravador porque..

Sebastião: Ah...sei, sei (risos)

Monie: Então vamos lá Seu Tião.

Monie: É...Qual o nome do senhor inteiro?

Sebastião: Sebastião Silva de Souza com Z no final.

Monie: Souza, então tá bom (risos)

Monie: Quantos anos o senhor tem?

Sebastião: Setenta e sete anos.

Monie: Setenta e sete.

Monie: À Senhor Sebastião o que te levou o senhor a participar do Movimento dos Queixadas?

Sebastião: Bom, uma das coisas foi que eu estava na fábrica trabalhando na fábrica né. Quando começou a greve e outra coisa é que, até então a gente já tinha coseguido é perceber o tipo de patrão que a gente tinha né e que havia necessidade de de a gente se unir e combater o camarada como o Abdalla que a intenção dele era esmagar mesmo todo mundo ele não respeitava ninguém...(Interrompidos pois, chegou a esposa do Senhor Sebastião) 1min.34. retoma.

...Então a gente via foi isso que fez com que a gente despertar se para a luta né e foi interessante que quando começou a greve eu tinha sete meses de casa né e,e, e o pessoal numa Assembléia me escolheram para mim ir com todos os companheiros fazer a campanha da subsistência da greve e do empreendedor né. Para conversar com outros Sindicatos que ajuda, para falar da greve.

Monie: Daí que o Senhor foi para Cajamar e...

Sebastião: Não, Eu fui pra Porto Ferreira, Descavados, São Carlos, Araraquara, Matão. Eu fiquei três meses por lá, e aí isso depois de 3 meses de greve já né, (uhum), eu não tinha, que a greve ia durar muito, então a gente saiu pra ir

Monie: Era o Senhor e mais quantos assim? O senhor lembra?

Sebastião: A que fomos fazer esse tipo de trabalho?

Monie: Isso.

Sebastião: Acho que tinha uns trinta mais ou menos.

Monie: Nossa.

Sebastião: É.

Monie: Bastante.

Sebastião: Na primeira leva foram quinze numa coisa, deixaram dois em Campinas. Dois em , dois em Limeira, foram indo , e no fim acabaram eu, eu fui o último que fiquei em porto ferreira ,eu fiquei sozinho, mais lá sempre em dois.

Monie: Porque o senhor ficou sozinho?

Sebastião: Porque um dos companheiros que deveria ficar sozinho numa cidade num, num fico

(risos), sabe só ficaria se deixasse alguém com ele, e aí deixaram um parceiro com ele e me deixaram sozinho (risos), mais foi bom (risos).

Monie: Il em Algum momento ouve arrependimento?

Sebastião: Da minha parte?

Monie: É.

Sebastião: Não, eu nunca me arrependi do que, de ter participado dessa greve, acho que ela me fez um bem muito grande, porque realmente a gente aprendeu a ser homem, homem na acepção da palavra, respeitar, homem de caráter, de, de, respeitar os companheiros né, (uhum) il, eu acho que muita coisa boa, a greve me ensinou.

Monie: O senhor chegou a fazer uma greve de fome né?

Sebastião: Não eu não fiz a greve de fome, mais companheiros meus fizeram

Monie: Aahh os seus companheiros?

Sebastião: É foram eu acho que foi dose ou treze que fizeram a greve de fome

Monie: Uhum

Sebastião: Eu estava fora desse tempo

Monie: Ah entendi! Mais l se fosse pra resumir assim um maior sentimento que il fez permanecer na greve qual foi?

Sebastião: Me fez permanecer na greve?

Monie: É

(cachorros latindo ao fundo)

Sebastião: Olha, levando em consideração que em todo lugar onde a gente, onde a gente (latidos) falava da greve (latidos) ouveram pessoas que disseram (latidos) assim pra gente (latidos) olha voçeis (latidos) estão dando uma lição para os trabalhadores do Brasil uma postura de voçeis não violenta (latidos) e reivindicando uma, um, um, exigindo justiça né, então tudo isso (latidos) foi dando mais força pra gente (latidos)

Monie: Tendi

(latidos)

Monie: É agora sim (latidos), o que é ser queixada pra você, (latidos) mais do fundo do seu coração, assim não a teoria sabe? (latidos)

Sebastião: (latidos) Ser queixada eu acho que é primeiramente ser cristão para aprender (latidos) a amar os outros, perdoar os outros né (latidos) e ter sempre na, em mente aquele sentimento de justiça que (latidos) que todo mundo nos vivemos num país que todo mundo tem direitos iguais, que a gente deve lutar pra conseguir aquilo que agente que, que a gente deve ter saúde, educação, trabalho, salário digno, moradia né, l isso tanto é verdade que, eu sou aposentado né, agente conseguiu fazer esse rancho aqui, e agasalhar, esconder, se esconder com a família, mais eu ainda saí na luta por causa de moradia, saí por causa de saúde, saí por causa (latidos) de educação, enfim direitos humanos que são, (latidos) tudo isso são direitos humanos né (uhum) e a gente vive na briga por causa disso e até agora (latidos) fazem 30 anos (latidos) que eu participo de um de um centro de defesa de direitos humanos (latidos) (uhum), se bem que todo mundo fala assim, Ah direitos humanos defendem bandido, mais é porque a pessoa não sabe que, quais são os

direitos que tem né,então partindo disso que falta escola pras crianças,que, que falta é, é, bom hospital pra atender a saúde do povo,que falta trabalho,que nem todo mundo tem um salário digno,então,é,é,é pensar na vida de todo mundo,por isso que a gente fica aí.

Monie: Tá.

Monie: É, o senhor se lembra do meu avô?

Sebastião:Lembro Senhor Armando nossa

Monie: Se Lembra? (risos)

Sebastião: Lembro muito bem (risos Monie)lembro sim, ele tinha um sorriso impagável, senhor Armando (risos) nossa !

Monie: O senhor(aia) se lembra de alguma conversa (latidos) que o senhor (latidos) teve com ele sobre greve (latidos)sobre queixada?

Sebastião: Olha eu vou dizer uma coisa pra você que você vai achar que é impossível acontecer isso,mais eu nunca parei pra falar da greve com ele (risos) a gente era assim é, é existia as passeatas que a gente teria que ir, i a genti ia, iii,enfim a gente participava da greve mais eu nunca, eu nunca tive essa oportunidade de conversar com ele (risos) de dizer, para e dizer assim ô, a coisa ta ruim e, né , família, a gente tem família,e , ta apertada a situação,nada disso, nunca a gente conversou sobre isso. (latidos)

Monie: Nossa! (latidos) o senhor assim que (latidos) que já conhecia ele, o senhor saberia me dizer, se ele realmente pode ser chamado de queixada?

Sebastião: O Armando?

Monie: É.

Sebastião: Ah! Sim.

Sebastião: Ah sim! (latidos) porque olha, só o fato (latidos) da pessoa dizer sim, nós estamos em greve (latidos), si a gente não for atendido em tudo aquilo que a gente esta pedindo (latidos) a gente não volta na fábrica (latidos) então pensamento de não trair os companheiros (latidos)então é uma coisa que, né, iii a firmeza da pessoa né (latidos) firmeza da pessoa (latidos).

Monie: Você se lembra se ele chegou a ir em algumas reuniões, ou alguma passeata?

Sebastião: Nas assembleias da noite, eu lembro que ele vinha, e era difícil para ele né, porque ele morar lá no sítio né,e vinha, a pé né, e ele vinha, ele veio,muitas vezes a gente se encontrou lá (latidos).Porque a gente tinha interesse de ir nas assembleias para saber como a parte juridica da coisa da greve estava funcionando né. E saber tambem como é que estavam os companheiros. Se encontrar e saber quem foi preso, quem não, quem apanhou, que não né. E é assim.

Monie: Entendi. Na primeira vez que nos conhecemos lembra? Com a Andréia lá no Sindicato. É o senhor lembrou do meu avô igual o senhor falou agora pelo sorriso né. Se fosse descrever ele denovo com uma só palavra. Qual seria?

Sebastião: Descrever o Armando numa só palavra?

Monie: É (risos).

Sebastião: Olha, eu nunca, eu posso dizer uma coisa, olha eu nunca vi o Armando não sorrindo (risos). Eu nunca vi ele com semblante fechado assim né, sempre sorrindo. Isso é uma marca nossa. É profundo isso.

Monie: Humm..Legal.

Monie: O senhor já tinha filhos ou filhas na época da greve?

Sebastião: Tinha, tinha três filhos.

Monie: Três filhos.

Sebastião: Quando eu sai eu fui viajar para, pra o interior eu tinha dois. Dois filhos. Eu deixei ali um tempo não faz muito tempo não eu falando com a minha esposa sobre a greve e tal. Falei assim. Ah! Eu acho que nós não passamos fome não é? Ela falou assim: "É não passamos por causa dos meus pais né. Porque os meus pais me acudiam. Então meu sogro e minha sogra pagavam água, pagavam a luz, só aluguel que eu não paguei. Fui protelando porque o dono da casa era grevista também. Era queixada também então nós fomos deixando né. Mas ela falou: se não fosse a minha mãe e não é que a gente não tinha nada a gente recebia no sindicato muita coisa mas, era muita gente e tinha que dividir um pouco para cada um né.

Monie: Huhum

Sebastião: Então tinha que ser. Não era fatura né que tinha e é isso que acontecia.

Monie: Quantos anos as crianças tinham assim : na época.

Sebastião: Eu acho que eles são de dois em dois anos, eu acho que tinha quatro o mais velho tinha quatro e a segunda tinha dois.

Monie: Hum. E o que te fazia permanecer na greve vendo os seus filhos assim, passando necessidades, assim pequeninhos.

Sebastião: Ah! O que me fazia continuar.

Monie: É

Sebastião: É porque eu achei, eu achava que a gente tinha que ganhar essa parada, não sabia quanto tempo ia demorar (telefone tocou)...

Sebastião: O que eu estava respondendo ?

Monie: É que eu falei o que te fazia permanecer na greve vendo os seus filhos quando necessidades e estando pequeninhos ainda.

Sebastião: É uma das coisas é que a gente pensava assim, isso tudo pode mudar um dia né. Isso tudo pode mudar e que não tem, para se ter uma melhoria tem que ficar ruim primeiro né. Então primeiro a gente passa os horrores todo e e por eles pelos filhos dos outros companheiros, pelas outras famílias e que a gente estava fazendo isso.

Monie: É e o que o senhor esperava dos seus filhos futuramente?

Sebastião: Futuramente. Após a greve?

Monie: Após ou até durante. O que o senhor esperava?

dizer que é a mesma coisa que olhar para trás e não ver ninguém (risos). A mesma coisa (risos). Você, você reúne um grupo de alunos e chega lá e pergunta quem mora aqui em Perus todo mundo pode levantar a mão. Eu moro, moro, moro, nasceu aqui? Nasci. E o que você sabe da greve da Perus? quem é parente de Queixada aqui? uns dois ou três levantam a mão e lá tá. E o que você sabe da greve de Perus? não sei nada e eles iam. Essas crianças iam na passeata com as mães né e foi uma força grande que aconteceu para a gente né. Não sei o que que. Olha eu acho que a grande preocupação de hoje em dia é...é camarada trabalhar, ter um carro, ter uma casa bonita, é o ter ter ter né. O ser não é tão importante para eles e isso a gente lamenta.

Monie: É então. A história é muito bonita e é uma parte que respeita a verdade e a justiça é por isso que estou aqui né. E toda essa história fez eu me descobrir né, e aí eu comecei e ir na professora e ela falou – Monie o problema é que você vai ter que explicar porque o seu TCC é sobre isso. Vai ter que explicar para o pessoal daqui da Unifesp o porque uma menina que sai de Perus quer recontar essa história, porque tens tanto textos, tem tantas coisa da saúde, porque você quer conta isso? Ai eu pensei, pensei, pensei, pensei, pensei e um dia eu comecei a escrever aos poucos assim né, aí eu comecei assim – O que é ser neta de Queixada?

Ao refletir o que eu sou foi necessário dar uma olhada no meu passado, que automaticamente levou ao passado dos meus antepassados. Eu percebi que a história deles é um resultado do que eu sou

hoje, considerando nessa busca de um ser inacabado, sinto uma grande satisfação que vejo aberto um caminho de uma linda história de não violência ativa que respeita a verdade e a justiça. Este despertar teve como princípio quando conheci o admirável Queixada o Sr. Sebastião.

Sebastião: (risos)

Monie: E conversando com ele foi lembrado de um falecido Queixada o Armando de Oliveira - "o homem do lindo sorriso", porque estava sempre com um sorriso mesmo nas dificuldades econômicas ou sociais enfim, ao ouvir as sementes deixadas por este queixada, que não faz mais parte deste mundo senti muita emoção e também muito orgulho, pois esse saudoso homem foi o meu avô materno.

Desta forma, me fez repensar a importância que é ser neta de um Queixada e é esse sentimento que precisa ser dedicado com muito carinho e é esse o caminho que busco a ser seguido e reconquistado pode durar anos, mas quero cultivar a semente que o meu avô plantou com um grupo de pessoas que lutavam por uma sociedade mais justa, esse grupo denominado de Queixada.

Monie: Ai o resto é coisa mais teórica assim, Queixada e a definição.

Sebastião: Foi bem geral de tudo, foi muito bom, porque eu acho que. Ah, quando começou, quando começou o sindicato dos Queixadas a a a ser um Sindicato diferente dos outros, né? E que muitos tentaram copiar, né. Foi a partir daquela greve de de de 78, né, já foi a primeira demonstração de Unidade de Firmeza, né, é,

(neta do Senhor Sebastião chega)

Sebastião: Então no sentido de unidade e firmeza, né, e foi a partir dali porque foi nessa greve que foi assinado um acordo coletivo e esse acordo coletivo dava o direito de trabalhar de ter o delegador na na nas sessões para discutir com os companheiros os problemas que tinham nas recessões e depois ir discutir com o patrão, né. Foi daí que saiu o salário-família, né. Foi levado lá para o Senado e Franco Montoro foi decretado para todo o Brasil. Enfim, uma série de coisas, né. Que foi saiu e daí e tanto que doeu para gente depois foi na greve de sessenta e dois os outros quatro sindicatos que tinham se juntado a gente que porque queriam ser iguais que queriam conseguir o mesmo que a gente tinha conseguido, eles nos traíram, né. Assinaram acordo separado e deixaram a gente sozinho e eles atenderam realmente ao desejo do Abdalla, o Abdalla queria acabar com o Sindicato do Cimento, cal e Gesso. Você deve ter visto em livros aí eles dizendo: "Eles vão vim a mim e eu vou esmagar todos eles", né. Como se esmaga uma barata. Então, é um negócio forte.

Leonor: E era nessa época que ele era deputado federal?

Sebastião: É

Leonor: Então, ele tinha poder né?

Sebastião: Bom eles todos, principalmente os mais velhos até, até uma certa idade, eles iam com a gente nas Assembléias i então eles sabem do meu envolvimento com o, com o Sindicato eles não me proibem nada né. E eles sabem aonde eu ando o que eu faço. Eu acho que só isso já basta. Para mim essa compreensão que eles tem né. Agora. Eu não possa dizer para você assim vai e fale com eles alguma coisa sobre a greve eles podem responder para você. Eu não sei qual a opinião deles eu nunca, nunca toquei nisso com eles.

Monie: É. O Senhor tem netos e netas ?

Sebastião: Tenho neto, neta, tenho nove, tenho um, dois, três, quatro, cinco netos não (contando). Eu tenho seis netas e três netos.

Monie: Seis netas e três netos ?

Sebastião: E dois bisnetos. Monie Nossa.... então no total são nove.

Sebastião: são nove ao todo.

Monie: são nove e um bisneto.

Sebastião: nove netos e dois bisneto.

Monie: dois bisnetos.

Sebastião: É

Monie: (risos) É e o que você espera dos seus netos diante de tudo isso que a gente conversou assim ?

Sebastião: olha, é um ponto de interrogação bastante grande né. Eu não sei a cabeça dessa gente. Se eles forem assim. Eu vou eu, eu vou fazer o que o meu pai fazia né. A gente, a gente sempre ensinou que o camarada tem ser honesto né aprender a amar as pessoas i isso eles fazem, a gente vê eles fazendo dispostos a ajudar as pessoas que precisam né i eu nunca tive e assim dor de cabeça com eles então eu acho que também.

Monie: então como o senhor gostaria de ser lembrando ?

Sebastião: Lembrado ? olha é se de parte dos meus netos eu acho que eles vão lembra de mim é que eu sempre procurei ser amigo e nunca ser alguém maior do que eles né. I os amigos eu acho que vão lembrar muito do meu sorriso da minha jovialidade assim, né. Da disposição a gente tem pra, pra, pra, fazer alguma coisa em favor de uma coletividade.

Monie: o senhor tem esperança que essa linda história será passada por novas e novas gerações ?

Sebastião: olha eu acho que é é essa passagem dessa dessa história vai depender muito de você que está fazendo esse tipo de trabalho e depender muito das das por exemplo. Quem estudar na na fábrica do conhecimento logicamente vai vai vai conhecer, o que foi a greve da da da Perus a luta do operário da Perus contra o Abdala. Quem foi Abdala vão saber tudo tudo isso. Quem estuda no Santa Fé também saber, agora as outras escolas vai acontecer as mesmas coisas que aconteceu é trinta e um de março. Quem lembra o que foi que aconteceu dia trinta e um de março ? quem sabe da história do que se passou aqui nesse país. O que se passou aqui em Perus né? Pó conta da da ditadura militar, pouca gente sabe a própria história é um é um buraco num num se encisou nada né então eu não sei eu acho que é vocês povo viu.

Monie: E o dia né o Senhor disse que olhava para trás e não vê mais ninguém foi uma frase assim que o senhor falou lá naquelas reuniões né.

Sebastião: sei, sei

Monie: mas, e se o Senhor olha para frente para os descendentes dos queixadas o senhor já pensou nisso assim ?

Sebastião: olhar para frente e vê dos descendentes dos Queixadas. Olha sinceramente eu volto a